

EFEITOS SECUNDÁRIOS / 2011

Filmes de Paulo Rebelo

Argumento: Paulo Rebelo / *Direção de fotografia (Beta digital, cor):* Inês Carvalho / *Direção artística:* João Rui Guerra da Mata / *Música:* Os Tornados / *Montagem:* Cláudia Bravo, Rui Mourão / *Som:* Nuno Carvalho / *Interpretação:* Rita Martins (*Carmo*), Maria João Luís (*Laura*), Nuno Lopes (*Rui*), Nuno Gil (*o namorado de Carmo*), Teresa Madruga (*Marta*), Carlos Ferreira (*o pai de Carmo*), Adelaide Neves (*Leonor*).

Produção: C.R.I.M. Produções (Lisboa) / *Cópia:* dcp / *Duração:* 101 minutos. / *Estreia mundial:* Lisboa (Teatro do Bairro), 5 de Dezembro de 2011 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 19 de Julho de 2012, no âmbito do ciclo “Um Ano de Cinema Português”, com a presença do realizador.

Com a presença de **INÊS CARVALHO**

Efeitos Secundários assinalou a estreia na realização de Paulo Rebelo, que fora montador e co-argumentista de **O Fantasma** e **Odete**, de João Pedro Rodrigues. Também veio a ser o seu único filme como realizador. Numa nota de intenções, Paulo Rebelo explica: *“Imagino esta história como um melodrama contemporâneo. Uma história que se desenrola numa sociedade preconceituosa, ignorante e fechada (...). Quero mostrar pessoas que ousam ir mais além num mundo que já perdeu a capacidade de sonhar e como os invejosos da felicidade alheia se lançam sobre elas”*. Numa entrevista, o realizador precisa que a ideia do filme surgiu *“a partir de um filme de Douglas Sirk, **All That Heaven Allows**”, de 1955*. Note-se que o título comercial português deste soberbo e irónico melodrama é **O Que o Céu Permite**, sem o *tudo* do original, só um pouquinho, pois as mentes salazaristas eram bem mais estreitas do que a de qualquer cidadão bem-pensante da Nova Inglaterra nos anos 50. O filme de Sirk conta a história de uma viúva de meia-idade que tem uma ligação com um homem mais novo, que ainda por cima é de uma classe social inferior, um jardineiro. Os filhos da mulher e a pequena comunidade fazem uma forte pressão para sabotar a felicidade dela, antes de um irónico desenlace feliz. Rainer Fassbinder, que já tinha feito nada menos de dez longas-metragens, modificou deliberadamente a sua maneira de fazer cinema ao descobrir este e outros grandes melodramas de Sirk durante um fim-de-semana de Fevereiro de 1971, em Munique. Para Fassbinder, os melodramas da fase final de Sirk foram a porta de entrada para uma narrativa em estilo direto, diferente da que praticara até então. Em 1973, realizou um *remake* peculiar de **All That Heaven Allows: Angst Essen Seele (O Medo Come a Alma)**, em que a questão da diferença de classes é substituída pela de raça. Em 2002, Todd Haynes realizaria um *remake* tradicional do filme de Sirk, **Far from Heaven**, alterando a trama com ideias oportunistas (a mulher não é viúva, o seu marido é homossexual e o amante dela é negro, tudo isso sem sair dos anos 50).

No caso de **Efeitos Secundários**, o filme de Sirk foi um ponto de partida, já que a trama narrativa tem diversas diferenças, a começar pela presença do personagem de Carmo, figura central na trama, que não tem equivalente no filme de Sirk, nem do de Fassbinder. Um ponto comum importante entre o filme de Paulo Rebelo e o original é o facto de se passar numa pequena comunidade, cuja mentalidade é tacanha, embora não vejamos por assim dizer os seus membros. Aqui, não é o casal formado por uma

viúva de meia-idade e um pescador mais novo que é rejeitado pela comunidade onde vivem, mas o terceiro personagem, doente da sida, o que foi a solução encontrada para atualizar a história. A relação com o filme de Douglas Sirk é essencialmente uma *projeção*, no sentido que este termo psicanalítico adquiriu na linguagem comum. Mas há momentos em que a relação com o filme de Sirk é mais próxima, como quando os dois filhos da cabeleireira rejeitam a presença de Carmo em casa dela. E há a citação literal de um dos pontos centrais de **All That Heaven Allows**, quando os filhos oferecem uma televisão à mãe como consolo por ela ter cedido à pressão e ter-se afastado do amante: a mulher, sozinha e desolada, olha para a tela da televisão apagada e vê o seu próprio rosto, como num espelho. O brilhante achado de *mise en scène* de Sirk, que resume num plano sem palavras toda uma complexa situação, tem em **Efeitos Secundários** a função de uma homenagem cinéfila, cujo efeito evidentemente não é o mesmo para o espectador que não tiver a referência do filme de Sirk (mas Paulo Rebelo partiu sem dúvida do princípio de que a alusão seria identificada).

O momento mais sirkiano do filme talvez seja a bela sequência de abertura, em que a câmara desce das nuvens para um planalto e Carmo, verdadeira protagonista do filme, se dirige para uma encosta de onde se descortina o cenário onde tudo se vai passar: um feio subúrbio, sem urbanismo nem arquitetura dignos destes nomes, contíguo ao espaço sem fim do mar, o espaço muito real e concreto da Caparica, que define o conflito entre a tacanhez e a vastidão que está no cerne do filme. A estrutura narrativa se organiza de maneira clássica, à volta de dois pares de personagens, dois homens e duas mulheres, sendo a vítima o personagem central. Todo o filme insiste numa atmosfera soturna, com espaços estreitos, escuros, muitas vezes noturnos, num clima de fatalismo e desgraça, onde não há horizontes mais vastos, onde a presença gigantesca do oceano não alarga a pequenez daquele mundo.

Douglas Sirk dizia que um filme começa pelo seu título, que é *“como o prólogo de um drama. Os títulos são como sinais à frente dos filmes ou deveriam sê-lo: uma coisa passageira, intermediária, não o drama propriamente dito”*. **Efeitos Secundários** é um bom título, pois é um destes sinais, é uma das chaves do filme: os efeitos secundários do tratamento da sida se desdobram em outros efeitos secundários para a protagonista: a impossibilidade de ser feliz, a sua rejeição pela comunidade. Não seria descabido argumentar que o realizador, para obter efeitos dramáticos e sobretudo melodramáticos (de que a morte do gato, por sida, é um caso extremo), optou por um anacronismo na descrição dos efeitos do tratamento da sida. Quando o filme foi feito (e nada indica que a ação não se passa em 2011), havia há vários anos tratamentos para a sida dignos deste nome, com reduzido número de medicamentos e os horrores da doença e do seu tratamento tinham seriamente diminuído. Mas o apelo aos sentimentos faz parte do melodrama e pode se sobrepor à verosimilhança. O artifício pode ser uma maneira de descrever certas realidades e sobretudo o que está por detrás da aparência das realidades.

Antonio Rodrigues